



Artigos

A NOVA JERUSALÉM: BREVES CONSIDERAÇÕES A PARTIR DO LIVRO DO APOCALIPSE

THE NEW JERUSALEM: BRIEF OBSERVATIONS FROM THE BOOK OF REVELATION

Daniel Luiz Medeiros *

205

RESUMO: Antes de ser o título do último livro da Sagrada Escritura, *apocalipse* é o gênero literário da profecia escrita. Este gênero, característico do período entre o séc. II a.C. e I d.C., aflora sempre nos momentos de crise, onde somente a intervenção divina pode garantir a reversão de um quadro avassalador. O livro do *Apocalipse*, por meio de seu rico simbolismo e inteligente estrutura literária (setenários), objetiva animar os primeiros cristãos à perseverança e ao testemunho, apontando para a esperança garantida da vitória de Cristo. O livro culmina com a visão da *Nova Jerusalém*, uma nova realidade livre das aflições do tempo presente. Trata-se das núpcias do Cordeiro, onde o mal já não encontra espaço. *Apocalipse* vem a ser o livro paradigmático da ação de Deus na história humana. Assim, ele é sempre atual, com conteúdo escatológico capaz de iluminar a vida dos cristãos de todos os tempos.

PALAVRAS-CHAVE: Apocalipse. Profecia. Setenário. Nova Jerusalém. História.

ABSTRACT: Before being the title of the last book of the Sacred Scripture, *apocalypse* is the literary genre of writing prophecy. This genre, characteristic of the period between the centuries II B.C. and I A.D., always emerges in times of crisis, where only a divine intervention can ensure the reversal of an overview overwhelming. The *Book of Revelation*, through its rich symbolism and intelligent literary structure (septenaries), aims to encourage the early christians to perseverance and to the testimony, pointing to the assured hope of Christ's victory. The book ends with the vision of the *New Jerusalem*, a new free reality of the present time trials. It is about the nuptials of the Lamb, where evil no longer find space. Revelation becomes the paradigmatic book of the action of God in human history. Thus, it is always prevailing, with scatological content able to illuminate the lives of christians of all time.

KEY WORDS: Revelation. Prophecy. Septenary. New Jerusalem. History.

* Especializado *latu sensu* em Sagrada Escritura, graduado em Teologia e Filosofia, assessor de pastoral da arquidiocese de Curitiba.

INTRODUÇÃO

O termo *apocalipse* tornou-se sinônimo de *Apocalipse de João*¹, o último livro da Sagrada Escritura. Devido a uma interpretação literal e errônea deste livro sagrado, a palavra apocalipse tem a conotação, muitas vezes, de caos, catástrofes naturais, desordem social, epidemias, doenças, fim do mundo, etc. Muitos filmes e literaturas expressam estas ideias, contribuindo para uma visão distorcida da bela obra que é o livro *Apocalipse*. Infelizmente, devido a isto, apocalipse vem a ser uma palavra que causa medo.

É verdade que *Apocalipse* também fala sobre julgamento, pragas, destruições, fim, etc. Contudo, não se pode esquecer que paralelamente a isto o livro traz consigo sete bem-aventuranças, apresenta cânticos de louvor, fala sobre novo céu e nova terra e expõe, de maneira insistente, o tema da vida.

O presente texto tem como objetivo mostrar que a teologia do livro do *Apocalipse*, longe de causar medo, refere-se a uma mensagem de fé e esperança dentro de um contexto onde as perseguições assombravam os primeiros cristãos. O autor do Apocalipse, servindo-se de uma linguagem simbólica e, aparentemente sem sentido lógico (algumas vezes), ou até mesma aterrorizante, transmitia uma mensagem de perseverança e exortava os cristãos à fidelidade (VV.AA., 1983, p.61-2).

Para se chegar ao objetivo do tema proposto neste artigo, propõe-se, primeiramente, definir, ainda que de maneira sucinta, a terminologia *apocalíptica*. Em seguida, apresenta-se uma proposta de leitura do *Apocalipse*, levando em consideração a sua estrutura literária e o contexto onde foi escrito. Por último, trata-se do tema “Nova Jerusalém”, ponto culminante do livro em questão.

1. APOCALÍPTICA

A palavra *apocalipse* é uma transliteração do termo grego ἀποκάλυψις (*apocalipsis*), palavra que significa, basicamente, “revelação” (RUSCONI, 2012, p.66-7). Este termo poderia, inclusive, ser o título do livro². Em sua forma verbal o termo significa, literalmente, “tirar o véu” – ἀπο (apó= “tirado de”); κάλυμμα (*kálimma*= “véu”) – (VV.AA., 1983, p.8), apontando para o sentido de “descobrir”, “desvendar” (CHAMPLIN, 2001, p.3804).

1 Embora seja evidente que o autor de *Apocalipse* não seja o mesmo autor do quarto Evangelho nem das Cartas atribuídas a João (cf. TUÑÍ; ALEGRE, 2007, p.194; COLLINS, 2004, p.606), usa-se o título *Apocalipse de João* conforme o título do texto grego (Ἐποκάλυψις Ἰωάννου) *O Novo Testamento Grego (GNT)*.

2 Nas Bíblias de idioma inglês o título que predomina é *Revelation*.

Apocalipse, antes de ser o título do último livro da Sagrada Escritura, é um gênero literário, presente não somente nos livros inspirados, como também em parte da literatura apócrifa³. Porém, há também quem diga que a *apocalíptica* seja mais que um gênero literário, seja um movimento cultural, autenticamente judaico (PAUL, 1981, p.64)⁴. De modo geral, costuma-se datar o movimento apocalíptico entre os séc. II a.C. e I d.C. (NOCKE, 2012, p.343). Segundo Champlin (2001, p.3805), é possível datar o início do *apocalipse*, enquanto gênero literário, por volta do ano 165 a.C.

Paul (1981, p.66) entende que há três períodos da *apocalíptica*: a) o primeiro momento inicia-se com a revolta dos Macabeus contra a helenização imposta (momento em que emerge o livro de Daniel); b) a segunda fase é datada a partir do início da dominação romana (aproximadamente 63 a.C.); c) o terceiro período corresponde às rebeliões dos judeus contra a ocupação romana (séc. I-II d.C.).

No Antigo Testamento (AT), os textos, ou fragmentos, apocalípticos mais antigos estão no livro de Ezequiel (38-39), Zacarias (9-14) e Isaías (24-28 e 34-35). O livro de Daniel é a obra onde o gênero apocalíptico aparece mais fortemente. Este livro é tido como a obra apocalíptica do AT por excelência: “sem dúvida, a maior das obras apocalípticas judaicas” (PAUL, 1981, p.64).

Em termos práticos, o gênero literário *apocalipse* emerge num contexto de crise e adversidades perante a vivência da fé. A apocalíptica surge sempre num momento caótico onde somente a intervenção divina pode reverter o quadro (LIMA, 2014, p.204). Arens (2012, p.299-300) considera que os autores apocalípticos possuíam um papel semelhante ao dos profetas, contudo, servindo-se de uma linguagem carregada de símbolos, imagens e mitos. Esta forma de se expressar era uma maneira de exortar as pessoas a não desanimarem diante das adversidades, mas sim confiarem em Deus. Lima (2014, p.204) acrescenta também que o apocalíptico aponta sempre para uma realidade transcendente.

Sendo assim, poder-se-ia perguntar: em que difere então a apocalíptica das profecias? A diferença está no fato de que a profecia é a palavra falada (oráculos), enquanto que a apocalíptica é a palavra escrita. Num período em que os oráculos já não surtiam efeito, fez-se necessário colocar a profecia por escrito.

Com a apocalíptica [...] operava-se, portanto, a passagem do profeta que fala para o profeta que escreve, da era do oráculo

3 Os livros apócrifos apocalípticos mais conhecidos são: *I e II Enoque, Assunção de Moisés, II e III Baruaque, Hermas (O Pastor)*. — Pode-se considerar, inclusive, que o “fenômeno apocalíptico” estava presente também fora do ambiente judaico-cristão (cf. TUÑÍ; ALEGRE, 2007, p.201).

4 Paul (1981, p.64) afirma ainda que em torno do movimento apocalíptico desenvolveu-se uma “verdadeira ciência da história”.

para a era do livro [...]. O apocalíptico é um profeta, não mais enquanto profere oráculos, mas enquanto exprime em um livro, ou em livros, as suas visões e os segredos que elas revelam sobre as origens do mundo e sobre o seu fim. (PAUL, 1981, p.64)

Interessante notar que enquanto Arens fala de uma aproximação do autor apocalíptico à figura do profeta, Paul vai mais longe, identificando o autor apocalíptico com o profeta.

O gênero apocalíptico, como se vê, é tardio no AT. Está situado dentro de um contexto onde o profetismo, devido às condições políticas, pauta-se cada vez mais sobre a “palavra escrita”, e não tanto na “palavra falada” (WIKENHAUSER, 1981, p.15). Isso quer dizer que num dado momento a oralidade já não surtia os mesmos efeitos de outrora, fazendo-se necessário exortar o povo através de outra forma de linguagem.

Corsini (1984, p.29) pontua que essa mudança ocorrera no exílio da Babilônia. A profecia deste período estava marcada pela ideia de um *messias*: alimentava-se “a expectativa do libertador do povo eleito da opressão e da dominação estrangeira” (*idem, ibidem*, p.29). Contudo, este mesmo autor considera, assim como outros os teólogos mencionados acima, que este gênero apocalíptico veio à tona mesmo nos dois últimos séculos antes de Cristo.

Esta maneira de profecia ou exortação caracteriza-se por uma linguagem reveladora (sonhos, visões, condições futuras), pseudopreditiva (as previsões não necessariamente acontecem, mas são, muitas vezes, meios de instrução), carregada de simbolismos, marcada por dualismos, determinista (a vitória do bem sobre o mal) e com forte aspecto ético (CHAMPLIN, 2001, p.3805-6). O modelo original deste gênero literário julga-se ser o livro de *Daniel* (cf. SCHÖKEL, 2002, p.2126-7).

Ainda a respeito das características desta literatura, Lima (2014, p.204), ao considerar que o gênero literário em questão tem como pano de fundo a “proeminência do sobrenatural sobre a história humana”, entende que sua finalidade é apontar para um comportamento coerente diante da realidade revelada. Isso porque a *apocalíptica* apresenta, por meio de seu rico simbolismo, elementos que favorecem uma reavaliação da história humana diante de um momento de crise.

Como se afirmou acima, a *apocalíptica* apresenta-se com diferentes facetas, as quais apontam para um futuro, contém certos dualismos, apresenta acentos éticos, traz também uma mensagem de esperança, etc. Há também que se levar

em conta que tudo isso tem, primeiramente, uma finalidade para o presente. As imagens do futuro seriam uma forma de antever as consequências das boas e das ruins posturas éticas diante da crise vivenciada.

A literatura apocalíptica, pois, tem um “propósito presente”. Os fiéis necessitam de força espiritual para passar pelas aflições, desapontamentos e pressões desta era ímpia em que vivemos. Serão mais capazes disso se puderem antever a vitória, a qual, finalmente, reverterá os terrores do momento presente. Os escritos apocalípticos prometem que os adversários de Deus não escaparão ao juízo por causa daquilo que fizeram, por seus feitos ímpios que praticaram. Além disso, promete que aquilo contra o que os perversos se têm oposto, o governo de Deus sobre a terra, eventualmente se cumprirá, a despeito deles. (CHAMPLIN, 2014, p.451)

A partir destas breves considerações a respeito da *apocalíptica* pode-se agora discorrer a respeito do livro do *Apocalipse* propriamente dito.

2. O APOCALIPSE DE JOÃO

209

Pode-se dizer que o *Apocalipse de João* surge numa época de crise de fé diante da “demora” da segunda vinda de Cristo. De fato, os primeiros cristãos consideravam iminente a segunda vinda de Jesus (cf. I Ts 4,16-17). Além disso, o ambiente político que se instaurava, acarretando a instituição do “culto imperial”⁵ e perseguições de cristãos, fazia com que muitos viessem a deixar suas comunidades cristãs.

Diante deste quadro, procurava-se reinterpretar o AT, para dar uma resposta de fé e esperança àqueles cristãos. Segundo Martins (1999, p.156), embora não apareçam no livro do *Apocalipse* citações diretas do AT, em 278 versículos do livro – o livro possui 404 versículos – há alguma forma de referência ao AT. Considera-se provável que o autor não tenha se servido da *Septuaginta*, mas sim de traduções próprias e paráfrases do texto hebraico (CHAMPLIN, 2014, p.455).

É interessante também notar que esta proposta *apocalíptica* – de dar as respostas corretas àqueles comunidades cristãs do final do primeiro século – veio imbuída, numa escrita grega⁶ com a forma de pensar hebraica, de uma “linguagem cifrada” carregada de simbolismos e com uma estrutura literária muito bem

5 Segundo Kraybill (2004, p.45), o culto imperial era um fenômeno religioso e ideológico que se espalhava “como câncer por todo o mundo romano”. Este “culto imperial” adentrava as instituições sociais, políticas e econômicas do mundo mediterrâneo.

6 Considera-se o grego do *Apocalipse* não exemplar, uma vez que está carregado de diversos erros gramaticais. Não obstante, isto não fere a clareza e inteligibilidade da obra (cf. CHAMPLIN, 2014, p.458).

arquitetada. Embora a lógica estrutural da obra tal como se apresenta em sua forma final pareça ter sido previamente pensada em sua totalidade, considera-se que o *Apocalipse* não tenha sido escrito de uma única vez.

Segundo Andrade (2012, p.98), por exemplo, é possível que o livro tenha sido escrito em três etapas. De acordo com esta teoria, os caps. de 4 a 11 teriam sido escritos no tempo do imperador Nero (54-68 d.C.). Os caps. 12 a 22 teriam sido compostos durante o tempo do imperador Domiciano (90 d.C.). Os textos introdutórios (1-3) e conclusivos (22,16-21) seriam a fase final da composição da obra, por volta de 95 a 100 d.C. Já Perkins (2001, p.363) pontua que alguns estudiosos do livro argumentam que as cartas e os “ciclos visionários” eram, originariamente, independentes e que foram, posteriormente, organizados em um único livro.

Não obstante as teorias de composição do livro, este estudo pauta-se a partir da estrutura literária tal como se apresenta na totalidade do texto, em sua forma final. Para tanto, apresenta-se aqui uma proposta de estruturação da obra⁷, conforme os temas tratados e de acordo com a lógica dos quatro *setenários* do livro (Igrejas, selos, trombetas e taças).

Deste modo, pode-se dividir o escrito em duas partes: *primeira visão* (1,4 — 3) e *segunda visão* (cap. 4 — 22,5). Os três primeiros versículos do livro considera-se aqui como *prólogo*⁸; os últimos 16 versículos, *epílogo*. No prólogo do livro, observa-se o tom de autoridade divina do livro (“revelação de Jesus Cristo”⁹), o caráter de urgência à leitura (“as coisas que devem acontecer muito em breve”) – certamente fruto do contexto de crise de fé –, e a mensagem de esperança (“feliz o leitor e os ouvintes das palavras desta profecia”), presente na primeira das sete bem-aventuranças do livro¹⁰.

A primeira parte do livro, intitulada nesta pesquisa por *primeira visão*, é constituída por uma introdução (1,9-20) e pela mensagem às *Sete Igrejas* (2 — 3). A introdução desta primeira parte apresenta-se com traços de solenidade e traz consigo muitos elementos do *apocalipse* de Daniel¹¹.

7 O esquema desta estruturação encontra-se em *Apêndice*.

8 Há sempre formas diferentes de se compreender a estrutura de uma obra. Tuñí e Alegre (2007, p.202), por exemplo, compreendem os oitos primeiros versículos do livro como *introdutórios*. Já para Perkins (2001, p.359), o prólogo é constituído pelos 18 primeiros versículos.

9 Para todas as citações bíblicas utiliza-se a tradução da *Bíblia de Jerusalém* (2002).

10 Embora haja sete bem-aventuranças no texto do *Apocalipse* (1,3; 14,13; 16,15; 19,9; 20,6; 22,7; 22,14), não se classifica, neste estudo, estas bem-aventuranças como *setenários*, uma vez que elas não serviram de critério para se estruturar o livro conforme a forma apresentada.

11 Esta introdução, assim como diversas partes do livro (poder-se-ia inclusive dizer o livro todo), tem um caráter litúrgico, ao qual não é a intenção aqui se pautar. Sobre o assunto, *vide* Charbel (1999, p.158-162).

A primeira constatação importante a se considerar pode ser feita a partir do primeiro *setenário*. O número sete, referido às Igrejas, simboliza a Igreja universal¹², ou seja, *Apocalipse* vem a ser uma *carta* dirigida a cada comunidade cristã. Assim, pode-se dizer que o livro do *Apocalipse* possui um caráter universal. Somado à ideia presente em 1,19 (“as coisas presentes” e “as coisas que deverão acontecer depois destas”), é possível considerar também que esta carta universal tem um caráter atemporal, ou seja, vem a ser uma mensagem sempre atual¹³.

As cartas às Igrejas possuem uma estrutura comum. Primeiramente, observa-se que há a menção ao destinatário, a *auto-apresentação* (“assim diz...”), um juízo sobre a Igreja (“conheço...”), uma exortação particular (imperativo de Cristo)¹⁴, a *promessa ao vencedor* e uma exortação geral (“quem tem ouvidos, ouça...”). As mensagens contidas nas cartas contêm sempre uma mensagem de perseverança, exortação à conversão e uma promessa. Sobre isso, Molina (2009, p.695) afirma: “a função destas cartas (Ap 2 — 3) é a de preparar e purificar a Igreja, a fim de que possa, sem inúteis impedimentos, acolher toda a revelação futura e dar testemunho diante do mundo da palavra de Deus”.

A *segunda visão*, ou segunda parte do livro (4 — 22), apresenta-se, em sua estrutura, de modo solene. Esta parte do livro possui três *setenários* (sete selos, sete trombetas, sete taças), arquitetados de maneira quase simétrica dentro do livro. A introdução a esta parte pode ser identificada nos caps. 4 e 5. Estes caps. preparam a grande cena que será a abertura do *Livro*. Após a apresentação do “Leão da Tribo de Judá”, o “Cordeiro”, como aquele que é digno de abrir o livro selado com sete selos (totalmente fechado), segue-se um hino de louvor.

Tuñí e Alegre (2007, p.204) sublinham que o livro selado denota a dificuldade de se poder conhecer seu conteúdo, ao passo que dá grande importância ao mesmo. É de consenso também entre alguns intérpretes que o livro significa o plano de Deus sobre a História, no sentido de um “projeto divino de Salvação” (MOLINA, 2009, p.701; MAIA, 1999, p.87; PEREIRA, 1999, p.41 *et alli*).

12 Concordam com esta ideia de universalidade Tuñí e Alegre (2007, p.203). A expressão “quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas”, que aparece no final de cada carta à Igreja, por estar em plural, apontam também para esta ideia. Para Schökel (2002, p.2944), “o número sete indica que representam uma totalidade articulada. Todas as cidades da Ásia Menor (que estavam no âmbito da influência joanina)”.

13 Longe de ser o *Apocalipse* uma profecia futurista, do “fim dos tempos”, ou algo restrito simplesmente ao contexto político-social-religioso da época em que foi escrito, a obra traz uma mensagem sempre atual, podendo iluminar a vida das atuais comunidades cristãs.

14 Na estrutura das cartas, este imperativo é sempre condicional, por exemplo: “caso não te convertas, removerei teu candelabro de sua posição” (2,5), “pelo contrário, são uma sinagoga de Satanás” (2,9), “caso não vigies, virei como um ladrão” (3,3). Isto é característico nas sentenças e oráculos dos profetas. Poder-se-ia nominar esse imperativo condicional como *penas educativas*, ou, na linguagem de Molina (2009, p.699), como “processo penitencial de purificação”, uma vez que servem para exortar a um comportamento corretamente moral.

Os primeiros versículos do cap. 6 sugerem que os sete selos serão abertos sequencialmente, sem interrupções, como acontece com os quatro primeiros. Porém, a abertura do livro se prolongará, solenemente até o final do livro. Nos primeiros quatro selos aparecem as figuras dos cavalos em quatro cores diferentes (branco, vermelho, negro, verde), do arco, da espada, da balança, bem como as calamidades da fome, da peste e feras (Ap 6,8). Segundo Perkins (2001, p.366), estas imagens remetem às experiências concretas daqueles que vivem em regiões devastadas pela guerra. Estes símbolos remetem também aos profetas (cf. Zc 1,7; 6,1-8). Todavia, diferentemente do modelo profético, Schökel (2002, p.2951) salienta que a cena apresentada na abertura dos quatro primeiros selos é de *castigo*, e não de *expedição* para inspecionar e depois aplicar o castigo. Isso ficará mais claro com a abertura do quinto e do sexto selo.

Na abertura do quinto selo é introduzido o tema do martírio. Isto denota a ideia de que o contexto sócio-político onde a comunidade cristã está inserida é hostil à proposta do Evangelho. “As pragas trazidas pelos quatro cavaleiros servem para lembrar aos ouvintes que o mundo não é tão pacífico ou próspero como deveria ser” (PERKINS, 2001, p.366).

A abertura do sexto selo ocupa os 17 versículos do cap. 7 e pode ser dividido em duas partes: *os quatro anjos* (7,1-8) e *a grande multidão* (7,9-17). Na primeira parte, observa-se que no mundo inteiro (quatro anjos nos “quatro cantos”), não obstante as calamidades, há a proteção divina naqueles que recebem a marca na frente. É possível enxergar neste simbolismo da marca uma alusão à saída do Egito. A isto, segue-se a segunda parte deste trecho, onde se demonstra, através dos hinos, que a felicidade independe das “intempéries” da história humana.

Logo no início do cap. 8, o sétimo selo é aberto. Porém, o que decorre desta abertura se prolonga até o final do livro¹⁵. Inicia-se, então, o *setenário das trombetas*, de maneira semelhante à estrutura da abertura dos *sete selos*. Molina (2009, p.705) ressalta que a repetição sonora das *sete trombetas* simboliza um anúncio solene da presença de Deus na história. Neste estudo, propõe-se a seguinte estruturação da abertura do sétimo selo: introdução (8,1-5), quatro primeiras trombetas (8,6-13), quinta trombeta (9,1-12), sexta trombeta (9,13 — 11,14) e sétima trombeta (11,15 — 22,5).

Perkins (2001, p.367) ressalta que este “ciclo das trombetas” segue o modelo das pragas do Egito. De fato, os elementos presentes neste *setenário* a partir do toque das trombetas podem ser colocados em paralelo a algumas das pragas do

15 Dentro de outra compreensão, Collins (2004, p.621) e Perkins (2001, p.370), defendem que o *setenário das trombetas* se encerra bruscamente já no cap. 11.

Egito: granizo – chuva de pedras, 1/3 do mar transformado em sangue – água transformada em sangue, 1/3 de trevas – trevas, gafanhotos que atacam os homens sem o selo de Deus sobre a fronte – gafanhotos que atacam as vegetações.

Após a períclope que apresenta o cenário dos sete anjos com as trombetas (introdução), segue o toque das quatro primeiras trombetas. Ao toque de cada uma delas, há um transtorno cómico, ou seja, parte da natureza (“terça parte”) é atingida. Ao toque da quinta trombeta, as consequências recaem de maneira direta sobre a humanidade (os homens que não tinham o selo de Deus na fronte), e não sobre a natureza (cf. PERKINS, 2001, p.368). O mesmo acontece ao toque da sexta trombeta: “a terça parte dos homens foi morta” (9,18). Interessante notar que, não obstante estes sinais, os demais homens não se convertem (Ap 9,20s).

Na sequência, surge a imagem do livrinho, o episódio da medição do templo e as duas testemunhas. Estas cenas aludem ao livro de Ezequiel. A cena do livro que é engolido, com sabor de mel na boca e sabor amargo no estômago, está presente em Ez 3,3. O episódio da medição do tempo pode ser observado em Ez 40,3. Isto sugere, em consonância com o exposto no capítulo anterior deste artigo, que o *apocalipse* é a profecia colocada por escrito. Em outras palavras, esta cena, ao fazer alusão aos profetas que buscavam orientar o povo para o caminho do Senhor, nos lembra que estes símbolos são meios para a instrução, de maneira a exortar à mudança do comportamento que não condiz com a proposta do Evangelho.

A extensão textual da narrativa do toque da quinta e da sexta trombeta, em relação às primeiras, denotam também essa ideia de proposta de conversão: Deus tarda seu julgamento para que os homens se convertam. “Para os judeus, no fim Deus separaria os bons dos maus, recompensaria uns e aniquilaria outros. Mas o Apocalipse mostra que antes do fim há o tempo de misericórdia: anunciar o Evangelho para que as nações se convertam” (PEREIRA, 1999, p.48).

Apesar do cenário aparentemente assustador do toque das trombetas, ao toque da sétima trombeta segue-se um hino de louvor. Isto indica que a abertura solene do livro não é algo a ser temido, mas sim algo a ser celebrado com júbilo, pois se trata da instauração paulatina da realeza de Cristo. Contudo, antes da abertura plena do livro, ou seja, antes da consumação dessa realeza, a história sofre as consequências do mal que corrompe as estruturas humanas. O toque da sétima trombeta aponta também para um futuro escatológico onde Satanás já não terá domínio sobre este mundo (cf. COLLINS, 2004, p.621).

Collins (*ibidem*) considera que neste episódio se encerra um ciclo de visão, sendo inadequado relacionar o *setenário das trombetas* com o que se segue a

partir do cap. 12. De maneira semelhante, Perkins (2001, p.370) apresenta o cap. 12 como independente da série das trombetas. É possível se fazer uma interpretação teológica levando em consideração esta teoria e pensando, ao mesmo tempo, a leitura contínua do texto: embora a realeza de Cristo tenha se instaurado plenamente (com sua morte e ressurreição) – entendendo o fechamento do ciclo das trombetas no cap. 11 – a humanidade ainda sofre as aflições do tempo presente (conteúdo dos caps. 12 a 20) até a consumação plena da *História da Salvação*.

Numa compreensão aproximada, Pereira (1999, p.48) afirma que os caps. 11 a 16 compreendem a parte mais importante do *Apocalipse*, uma vez que “mostra o presente”. Pereira compreende que estes capítulos dizem respeito ao tempo da Igreja, em confronto com o mal, a caminho da consumação final.

Para Maia (1999, p.105), o cap. 12 é como uma recapitulação do Apocalipse, uma vez que apresenta a história da salvação como relacionada aos acontecimentos do presente e do futuro. De fato, o rico simbolismo dos elementos presentes no capítulo em questão resumem as dificuldades (Dragão) que o povo de Deus (a Mulher) do AT e, principalmente, do Novo Testamento (NT) enfrentam no decorrer da história. Se no contexto em que foi escrito o grande poder demoníaco que perseguia os cristãos era o Império Romano, no decorrer dos séculos muitos foram os poderes que oprimiram e que oprimem os cristãos.

Embora com outros símbolos, pode-se dizer que os caps. 13 e 14 também seguem a mesma ideia do capítulo anterior. As visões apresentam as ameaças dos poderes terrenos perversos, personificados nas figuras das bestas. Porém, em seguida, apresentam a imagem do julgamento de Deus: o mal está fadado a sua própria ruína, juntamente com todos aqueles que dele fizeram parte.

Nos caps. 15 e 16 encontra-se o último setenário do livro: o *setenário das taças*. Este ciclo, porém, difere dos setenários dos selos e das trombetas no que se refere à estrutura narrativa. De fato, as sete “taças do furor de Deus” (cf. Ap 16,1) são derramadas sucessivamente, sem solenidade, ainda no cap. 16 – embora as consequências da sétima taça se postergue até o final do livro (MOLINA, 2009, p.717). Há que se destacar também que se nota certa progressão nas pragas do *Apocalipse*: as pragas das taças são mais intensas e devastadoras que as pragas das trombetas, as quais, por sua vez, são maiores que as pragas dos selos (cf. PERKINS, 2001, p.375). Além disso, as aflições das trombetas são parciais (“terça parte”), enquanto que os flagelos das taças têm uma dimensão universal.

Apesar disso, não se pode esquecer o sentido destas pragas: são como que um “processo penitencial de purificação” (MOLINA, 2009, p.699). Assim, merecem

destaque os versículos 16,9b.11b: “mas não se converteram [...]”. Como todo o livro do *Apocalipse*, as diversas aflições, expressas pelos mais diversos símbolos, são como meios de instrução para a conversão dos homens. A ideia que transparece a partir das pragas é que Deus protela o julgamento para que os homens se convertam. Entretanto, o julgamento é inevitável, tendo que acontecer como “as dores de parto” (cf. Rm 8,22), pois “os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deverá revelar-se” (cf. Rm 8,18). O julgamento continuará até o cap. 20.

Nos caps. 17 e 18 o autor trata do julgamento do Império Romano. Se para os primeiros ouvintes da profecia a *grande prostituta* era o Império Romano, para os leitores tardios, a *Babilônia* dos caps. 17 e 18 é o modelo dos diversos poderes que se opõem ao plano salvífico de Deus, até que este plano se realize plenamente. Após a queda do poder opressor, segue-se, em 19,1-8, um hino de louvor. O trecho de 19,11 — 20,15 dá continuidade ao tema do julgamento, porém, a ênfase agora está na vitória de Cristo e na extinção de todo o poder diabólico. “O julgamento final garante a transição para uma ordem nova, que advém não porque o céu e a terra “fugiram”, mas porque todo pecado e todo mal foram extirpados” (MAIA, 1999, p.141). Este trecho também encerra o tema das pragas instrutivas e prepara o ápice do livro: a visão da Jerusalém Celeste (caps. 21 e 22). Remete-se, deste modo, à ideia de que o *Apocalipse* é o livro paradigmático da ação salvífica do plano de Deus na história, onde, não obstante as adversidades cotidianas, prevalece sempre a vitória de Cristo.

215

3. NOVA JERUSALÉM

A última das visões do livro de *Apocalipse* é a visão de “um céu novo e uma nova terra” (21,1). Nesta visão, aparece a “Cidade Santa, uma Jerusalém Nova” (21,2). Embora esta expressão Ἱερουσαλὴμ καινὴν (= *Ierusalém kainén*) esteja presente apenas em Ap 3,12 e 21,2 (BIBLEWORKS, 2003), ela é muito significativa.

O que significa *Jerusalém*? Este termo vem do hebraico מְלֻשָׁרַיִם (*y^erûšalāim*). Ao se separar a raiz *y^erû* e *šalāim*, Champlin (2001, p.4534) considera provável que *Jerusalém* tenha, originalmente, o significado de “cidade da paz” ou “fundada em paz”. A raiz מְלֻשָׁ (šālēm) remete à cidade de Melquisedec (SCHÖKEL, 2012, p.793). Esta mesma raiz aproxima-se, por sua vez, de מְלֻשָׁ (šālôm), traduzida por “paz”. Entretanto, a raiz יְרֻשָׁ (*y^erûš*), à qual se estima ter o significado de “cidade” ou “fundação”, não é uma palavra de origem hebraica (CHAMPLIN, 2001, p.4534). De modo diferente, Schultz (1982, p.478) considera que o significado seria “Fundação de Salém”, entendendo Salém como o nome de um deus, cujo santuário encontrava-se no povoado aos redores do monte Sião.

Independentemente disso, o fato é que Jerusalém é o nome da cidade de maior importância para os judeus, tanto em sentido histórico como em sentido mítico. Por isso mesmo é que *Jerusalém* ultrapassa os limites do judaísmo (antecedendo-o¹⁶) e adentra o cristianismo, adquirindo o adjetivo “nova”. Jerusalém era, para os judeus, o lugar alto onde Deus se fazia presente. Era a Cidade Santa, onde foi construído o Templo; era o local do culto. Para lá *subiam* anualmente os judeus para prestar culto a Deus (cf. Sl 122,3ss).

Conforme se afirmou acima, o qualitativo “nova” referente a *Jerusalém* é encontrado somente em Ap 3,12; 21,2. Contudo, seu significado aponta para mais além. Dale (1992, p.1095), por exemplo, afirma que este conceito provém já do AT no período exílico e pós-exílico babilônico, diante da nostalgia e esperança de restauração de Jerusalém. De fato, conforme se apresentou acima, o gênero apocalíptico também coincide com este período da história de Israel. Neste contexto, Jerusalém era “a concretização de todos os anseios” para o povo exilado (*idem, ibidem*, p.479 – vide Sl 137). Deste modo, não é à toa que a ideia de uma *Nova Jerusalém* vem à tona no contexto conturbado do livro do *Apocalipse*. Este momento de controvérsias, perseguições e crise é colocado em paralelo ao exílio babilônico¹⁷.

A temática da *Nova Jerusalém* é apresentada de maneira privilegiada nos dois últimos capítulos do livro do *Apocalipse* (21 e 22). O autor de *Apocalipse* serve-se, certamente, de Is 60; 62; 65,17-25 para compor o trecho final do livro (PEREIRA, 1999, p.60). Em termos de NT, Stoeger (1988, p.561) afirma que a expressão em questão tem acenos em Gl 4,21-31, quando o autor da carta, por meio de uma comparação, fala sobre a “Jerusalém presente” e a “Jerusalém do alto”. A ideia principal na reflexão de Stoeger, a partir desta perícopes, está no fato de que à Jerusalém presente qualquer pessoa pode se dirigir, enquanto que à Jerusalém do alto (ou do futuro) somente aqueles que forem convidados poderão entrar (STOEGER, 1988, p.561-2).

Embora estas constatações apontem mais para *παρουσία* (*parusia*) de Jesus Cristo, considera-se também que o ápice de *Apocalipse* é igualmente fruto de um anseio por uma sociedade justa (cf. KRAYBILL, 2004, p.287). Em outras palavras, é possível que a intenção do autor sagrado fosse descrever a nova ordem social após a queda de Roma¹⁸. Kraybill (*idem*, p.298) argumenta que esta maneira de se

16 “Desconhece-se sua origem absoluta, mas a sua história total conhecida cobre, desse modo, um período de quatro mil anos!” (CHAMPLIN, 2001, p.4537).

17 Por isso, o autor do *Apocalipse* também faz uso do termo *Babilônia* para indicar *Roma*, a opositora dos ideais anunciados por Jesus Cristo (PRIGENT, 1985, p.450).

18 A descrição da *Nova Jerusalém* encontra certas semelhanças às típicas cidades romanas, ainda que haja elementos tipicamente judaicos: “talvez a melhor conclusão seja que João se apoiou fortemente em fontes judaicas, mas descreveu a Nova Jerusalém em linguagem e símbolos que tinham relevância para os cristãos do século I cercados pela cultura urbana romana” (KRAYBILL, 2004, p.297).

compreender a *Nova Jerusalém* como “metáfora de toda a humanidade” encontra paralelo em outras obras literárias cristãs primitivas.

Neste sentido, a cidade que desce do céu seria, para o autor, uma realidade terrestre, e não algo transcendente a ser realizado de maneira espiritual, ainda que esta interpretação seja plausível.

João considerava eminente a chegada da cidade, talvez algo que o povo de Deus já experimentava de um modo provisório. [...] A Nova Jerusalém é metáfora de toda a humanidade vivendo em harmonia com Deus e entre si (KRAYBILL, 2004, p.286).

É interessante notar aqui que Kraybill considera que toda a humanidade está inserida no plano da *Nova Jerusalém*, e não somente os cristãos. Corsini (1984, p.370) também interpreta deste modo, vendo na simbologia de Jerusalém algo que vai muito além das promessas realizadas por Deus a Israel, conforme o AT.

De fato, segundo a breve análise estrutural do *Apocalipse* apresentada, todos são convidados entrar nesta nova realidade. Tanto na primeira parte de *Apocalipse* quanto na segunda (primeira e segunda visão), a *profecia* exorta continuamente à conversão. Porém, apesar da demora da execução do julgamento e as penas instrutivas, não são todos os que aceitam a nova relação entre Deus e os homens (Ap 16,9b.11b).

A visão da *Jerusalém Nova*, portanto, tem um significado muito forte, indicando a presença de Deus entre os homens: “eis a tenda de Deus com os homens. Ele habitará com eles; eles serão o seu povo, e ele, *Deus-com-eles*, será o seu Deus” (Ap 21,3b). Em consonância ao tema do casamento presente nos profetas, esta nova realidade se compara também ao casamento: *Jerusalém* é apresentada como a esposa do Cordeiro (Ap 19,7; 21,2.9; 22,17). Ao apresentar o símbolo da *Esposa*, *Apocalipse* parece enfatizar o cumprimento das profecias do AT ao apontar para a consumação definitiva das núpcias do Cordeiro.

Neste novo horizonte já não há mar (21,1) e não há noite (21,25; 22,5). A ausência de mar, símbolo da moradia dos poderes do mal (cf. PEREIRA, 1999, p.60), indica ausência da ação maligna. Nesta mesma linha, a ausência de noite denota que o erro, o pecado, o egoísmo e a violência já não encontram lugar na nova realidade (CHAMPLIN, 2014, p.846).

Em continuidade à profecia de Isaías (cf. Is 54,11ss), a *Nova Jerusalém* é apresentada de maneira perfeita em Ap 21,11-27: o número doze aparece nas dimensões das muralha, na quantidade de alicerces, na variedade de pedras preciosas e na quantidade de portas. Além disso, a cidade é descrita como sendo

de forma cúbica, algo que alude à forma do “Santo dos Santos” (PEREIRA, 1999, p.61; SCHÖKEL, 2002, p.2974). Assim, não há necessidade de um templo, uma vez que o próprio Deus é seu templo (21,22): ver-se-á a face de Deus e seu nome estará na frente de seus servos (cf. 22,3-5).

Na nova cidade também não há sol, nem lua nem lâmpada, pois na nova criação (cf. 21,5) as ações humanas já não necessitam ser iluminadas para que possam ser coerentes com o evangelho, pois o mal já não encontra lugar na nova realidade. A substituição do sol, da lua e da lâmpada pela glória de Deus (e o brilho do Cordeiro) segue também a tradição profética de Isaías (60,1-3.19-20), apresentando, assim, seu cumprimento (SCHÖKEL, 2002, p.2974).

A profecia de Ezequiel também é referenciada no final do livro. Seguindo a ideia de perfeição da cidade santa, aparecem a imagem do rio e a figura da árvore da vida. É notável que o símbolo do rio remonta a Ez 47,1-12 (SCHÖKEL, 2002, p.2975). O rio, juntamente com a figura da árvore, alude a Gn 2,9, propondo que a *Jerusalém Nova* é como que o paradigma do paraíso que fora fechado pela maldade humana. Agora, o modelo do paraíso é reaberto pelos méritos do Cordeiro que foi considerado “digno de abrir o livro” (cf. Ap 5,2ss). Nesta nova condição, a morte já não encontra lugar.

Há de se ter presente também que o simbolismo da água remete sempre ao Espírito Santo na Sagrada Escritura (cf. BÍBLIA DE JERUSALÉM, p.2166). Neste sentido, Champlin (2014, p.848) afirma que a água viva (Ap 22,1), identificada com o Espírito Santo, permite a participação dos *servos* na vida e natureza de Cristo.

Por último, conforme afirmado acima, o texto de 22,6-21 compreende-se aqui como epílogo, uma vez que os cinco primeiros versículos do cap. 22 concluem a visão de “um céu novo e uma nova terra”. É visível que este último trecho do livro é composto por diversos oráculos proféticos que têm por objetivo testemunhar a autenticidade da revelação: “o orador muda de oráculo para oráculo. Ouvimos palavras do anjo revelador, de Jesus, do Espírito e do profeta” (PERKINS, 2001, p.381).

É possível colocar em paralelo alguns elementos do prólogo com o epílogo do livro. Aqui, destacar-se-á os seguintes: “Feliz o leitor e os ouvintes das palavras desta profecia, se observarem o que nela está escrito, pois o Tempo está próximo” (1,3); “Eis que venho em breve! Feliz aquele que observa as palavras da profecia deste livro” (22,7); “E acrescentou: não retenhas em segredo as palavras da profecia deste livro, pois o Tempo está próximo” (22,10).

No início de *Apocalipse* a bem aventurança é condicional: “se observarem [o leitor e os ouvintes]”. Já em 22,7, uma vez instaurado o plano de Deus na história,

através da profecia exortativa e do simbolismo da abertura do livro, a felicidade encontra-se no tempo presente: “felizes são os que observam”. Além disso, no término do livro já não há segredo quanto à profecia, tampouco se deve reter seu conteúdo.

A afirmação de que o “Tempo está próximo” tanto no início como no final do livro aponta à ideia de que a vigilância é a atitude que os servos devem ter. De fato, não obstante a descrição dos acontecimentos da história da salvação, assim como o conhecimento do plano de Deus (abertura do livro) e a garantia da vitória de Cristo, *Apocalipse* exorta, por meio de bem-aventuranças, entre os versículos 6 a 15, a uma vida fiel e de acordo com a revelação de Jesus Cristo.

Os últimos seis versículos de *Apocalipse* têm um forte acento escatológico, onde se reforça o tema da *vida*, da *profecia* revelada no livro, da *cidade santa* e da abreviação do *tempo*, em forma de diálogo litúrgico. Esta maneira do autor finalizar a obra denota, em consonância com as considerações apresentadas, que a *profecia* do livro é para ser celebrada em clima de feliz expectativa.

4. CONCLUSÃO

Tendo presente esta exposição a respeito do *Apocalipse*, é possível compreender que a obra brevemente analisada é fruto de um contexto sócio-político onde os cristãos encontravam dificuldades em vivenciar a fé, a ponto de muitos se corromperem pela sociedade em que estavam situados. Esta crise acarretava uma necessidade de se exortar à fidelidade ao Evangelho para que a mensagem de Cristo continuasse a ser testemunhada com fervor.

A obra sagrada, arquitetada por meio de um rico conjunto de símbolos judaicos, faz memória às experiências vivenciadas pelo povo do AT de maneira a reinterpretar o presente sob a ótica da história da salvação. Esta maneira de se interpretar a vida serve de paradigma também para o atual presente, uma vez que o conteúdo do *Apocalipse* apresenta-se de maneira sempre atual e atemporal, não obstante ter sido fruto de um contexto particular.

A estrutura do livro surpreende por sua lógica composta por quatro setenários. Através destes, o texto sagrado apresenta exortações à fidelidade, apelo à conversão (seja por meio de bem-aventuranças, seja por meio de penas) e aponta para a paulatina e solene realização das *núpcias do Cordeiro*. De fato, a maneira como o texto é apresentado (modo solene) demonstra o desejo divino de que todos se convertam (há um prolongamento do inevitável julgamento).

A *Jerusalém Nova*, ponto culminante do *Apocalipse*, é a imagem de uma nova realidade escatológica. A *Cidade Santa* já está presente e deve ser celebrada solenemente. Ao mesmo tempo, esta realidade há de ser realizada de maneira plena na *parusia* de Cristo. Embora se possa afirmar a realidade da *Nova Jerusalém* no presente, a leitura do livro do *Apocalipse* mostra que o presente convive ainda com as dificuldades, sofrimentos e aflições, provenientes da ação maligna presente nas estruturas humanas. Mas, a vitória de Cristo é fato a ser celebrado não obstante as intempéries cotidianas. Daí a necessidade daquele que leu e ouviu a *profecia* de clamar também “vem”, vivenciando as bem-aventuranças e celebrando solenemente a nova realidade já presente e a se consumir com a vinda de Jesus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

220 ANDRADE, Aíla Luzia Pinheiro de. *Eis que faço nova todas as coisas. Teologia apocalíptica*. São Paulo: Paulinas, 2012. (Teologias bíblicas 15).

ARENS, Eduardo. *A Bíblia sem mitos: uma introdução crítica*. [trad. Celso Márcio Teixeira]. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2012.

BIBLEWORKS. *Software: BibleWorks, LLC*. [programadores: Michael S. Bushell e Michael D. Tan]. BibleWorks 6.0. Copyright © 1992-2003.

BÍBLIA (gr.). *O Novo Testamento Grego (GNT)*. 4ª ed. rev. Barbara Aland et alii (eds.). Stuttgart: Bibelgesellschaft; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

CHAMPLIN, Russell Norman. *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo*. 2ª ed. São Paulo: Hagnos, 2001. Vol. 6.

_____. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. Nova edição revisada. São Paulo: Hagnos, 2014. Vol. 6.

CHARBEL, P. *A liturgia do Apocalipse – in: O Apocalipse de João*. [coord. D. João E. M. Terra]. São Paulo: Loyola, 1999. (Revista de cultura bíblica).

COLLINS, Adela Yarbro. *El libro del Apocalipsis – in: Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo: Nuevo Testamento y artículos temáticos*. Estella: Verbo Divino, 2004.

CORSINI, Eugênio. *O Apocalipse de São João*. São Paulo: Paulinas, 1984. (Coleção Grande Comentário Bíblico).

DALE, C. L. *New Jerusalem. – in: The Anchor Bible Dictionary*. [David Noel Freedman - editor]. First ed. New York: Doubleday, 1992. Vol. 4.

KRAYBILL, J. Nelson. *Culto e comércio imperiais no Apocalipse de João*. São Paulo: Paulinas, 2004. (Coleção Bíblia e história).

LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. *Exegese Bíblica: teoria e prática*. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 2014.

MAIA, Pedro Américo. *Apocalipse – in: O Apocalipse de João*. [coord. D. João E. M. Terra]. São Paulo: Loyola, 1999. (Revista de Cultura Bíblica).

MARTINS, A. F. *O mistério de Cristo no Apocalipse de São João – in: O Apocalipse de João*. [coord. D. João E. M. Terra]. São Paulo: Loyola, 1999. (Revista de Cultura Bíblica).

MOLINA, Francisco Contreras. *Apocalipse – in: Comentário ao Novo Testamento III*. [trad. Alceu Luiz Orso]. 2ª ed. São Paulo: Ave-Maria, 2009. Santiago Guijarro Oporto; Miguel Salvador García (comissão editorial).

NOCKE, Franz-Josef. *Escatologia – in: Manual de Dogmática*. [trad. Ilson Kayser; Luís Marcos Sander; Walter Schlupp]. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012. vol. II. Theodor Schneider (org.).

PAUL, André. *O que é o intertestamento*. São Paulo: Paulinas, 1981. (Coleção cadernos bíblicos).

PEREIRA, Ney B. *Os escritos apocalípticos – in: O Apocalipse de João*. [coord. D. João E. M. Terra]. São Paulo: Loyola, 1999. (Revista de Cultura Bíblica).

PERKINS, Pheme. *Apocalipse – in: Comentário Bíblico: Evangelho e Atos Cartas Apocalipse*. [trad. Barbara Theoto Lambert]. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2001. Diane Bergant; Robert J. Karris (org.). vol. III.

PRIGENT, Pierre. *l'Apocalisse di S. Giovanni*. Roma: Borla, 1985. (Commenti biblici).

RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2012.

SCHÖKEL, Alonso Luís. *BÍBLIA DO PEREGRINO (BP)*. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. [trad. Ivo Storniolo; José Bortolini]. São Paulo: Paulus, 2012.

SCHULTZ, H. *Jerusalém. – in: O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 1ª ed. São Paulo: Vida Nova, 1982.

STOEGER, A. *Jerusalém – in: Dicionário de Teologia Bíblica*. 4ª ed. [trad. Helmuth Alfredo Simon]. São Paulo: Loyola, 1988. Johannes B. Bauer (org.). Vol. I.

TUÑÍ, Josep-Oriol; ALEGRE, Xavier. *Escritos Joaninos e Cartas Católicas*. 2ª ed. São Paulo: Ave-Maria, 2007.

VV.AA. *Uma leitura do Apocalipse*. São Paulo: Paulinas, 1983. (Coleção cadernos bíblicos).

WIKENHAUSER, Alfred. *El Apocalipsis de San Juan*. 2ª ed. Barcelona: Herder, 1981.

APÊNDICE – ESTRUTURA LITERÁRIA DO APOCALIPSE

* Prólogo	1,1-8
Primeira visão	1,9-3,22
A. Introdução	1,9-20
B. Mensagem às Igrejas	2-3
Segunda visão	4-22,5
A. Introdução	4-5
B. Abertura dos Sete selos	5,1-14
a. Quatro primeiros selos	6,1-8
b. Quinto selo	6,9-11
c. Sexto selo	6,12-17
1. <i>Os quatro anjos</i>	7,1-8
2. <i>A grande multidão</i>	7,9-17
d. Sétimo selo (Sete trombetas)	8-22
1. <i>Introdução</i>	8,1-5
2. <i>Quatro primeiras trombetas</i>	8,6-13
3. <i>Quinta trombeta</i>	9,1-12
4. <i>Sexta trombeta</i>	9,13-11,13
a. Os quatro anjos	9,13-21
b. O pequeno livro	10
c. As duas testemunhas	11,1-14
5. <i>Sétima trombeta (Sete taças)</i>	11,15-22,21
a. Introdução	11,15-19
b. A Mulher e o Dragão	12
c. As duas Bestas e mais três visões	13
d. As sete taças	15
i. Castigo de Babilônia	17-19,10
ii. Vitória de Cristo	19,11-20,15
iii. A Nova Jerusalém	21-22,5
* Epílogo	22,6-21